

FATORES QUE LEVAM OS ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO A SE AUTOMEDICAREM^I

Luís Octavio de Queiroz Pereira^{II}
Pamela Lima Ribeiro^{III}
Carla Andreia Rezende Rodrigues^{IV}

RESUMO

O artigo a seguir apresenta fatores que levam universitários a se automedicarem. Esta pesquisa buscou enfatizar os motivos para a automedicação entre acadêmicos dos cursos relacionados ao campo da saúde, dentre eles enfermagem e medicina. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o Brasil é um dos principais consumidores mundiais de medicamentos, com o mercado alcançando 22,1 bilhões de dólares anualmente e a ampla disponibilidade no mercado nacional viabiliza o uso irracional. Em observância aos dados obtidos, da saúde, ou em vivências pessoais, propicia uma maior confiança para o consumo inadequado de tais medicamentos. Este estudo trata-se de uma pesquisa exploratória do tipo bibliográfica, identificou-se que os indivíduos com maior grau de instrução são os que mais praticam automedicação e o uso indiscriminado de substâncias farmacológicas. O conhecimento adquirido em instituições educacionais, especialmente em centros de estudos universitários voltados para a ciência embasada em artigos publicados na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde, LILACS e Scielo.

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos. Universidade.

ABSTRACT

The following article presents factors that lead college students to self-medicate. This research sought to emphasize the reasons for self-medication among academics of health-related courses, including nursing and medicine. According to the World Health Organization, Brazil is one of the world's leading consumers of medicines, with the market reaching US \$ 22.1 billion annually and the wide availability in the national market makes irrational use possible. In accordance with the data obtained, health, or personal experiences, provides greater confidence for the inappropriate consumption of such drugs. This study is an exploratory research of the bibliographic type identified that the individuals with higher education are those who practice self-medication and the indiscriminate use of pharmacological substances. The knowledge acquired in educational institutions, especially in science-based university study centers based on articles published in the Virtual Health Library, LILACS and Scielo database.

Keywords: Self-medication. Academics. University.

Data de aprovação: 17.12.2019

^IArtigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida – FESAR. Ano 2019.

^{II}Acadêmico do curso de enfermagem da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida – FESAR. E-mail: loqueiroz76@gmail.com

^{III}Acadêmica do curso de enfermagem da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida – FESAR. E-mail: sollpam@hotmail.com

^{IV}Docente da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida – FESAR. E-mail: farma.carlaresende@gmail.com

INTRODUÇÃO

A automedicação é o ato de fazer uso de medicamentos sem prescrição médica, ou orientação farmacêutica, por meio de instruções de amigos, parentes, de pesquisas na internet. De acordo com a pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), no Brasil, 79% das pessoas acima de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica ou farmacêutica (JUNIOR, 2018).

O problema do uso indiscriminado de medicamentos, na atualidade, vem causando risco a saúde de boa parte da população brasileira e mundial, pois essa prática, por ser mais comum do que se tem conhecimento, é de difícil controle. Dados nacionais, de 2016, apontam uma média nacional de 27 estabelecimentos farmacêuticos cadastrados no Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) para cada 100 mil habitantes. A menor taxa foi no estado do Amazonas com sete farmácias para cada 100 mil habitantes, a maior foi no estado de Goiás, com 52 para cada 100 mil. Em uma pesquisa feita em 2017, pela Universidade Estadual Paulista, os 416 entrevistados afirmaram se automedicar e 90% deles sabem que essa é uma prática perigosa (JUNIOR, 2018).

No Brasil, o uso indevido de medicamentos deve-se geralmente a multifarmácia, automedicação e um grande arsenal terapêutico a disposição no comércio farmacêutico. O uso abusivo, inepto ou desapropriado de medicamentos fere a população e dissipa os recursos públicos (LOPES *et al*, 2014).

O consumo inapropriado de medicamentos pode ocasionar prejuízos ao organismo, além de mascarar patologias evolutivas, tornando-se um problema que deve ser evitado. Entre as principais consequências desta prática destacam a intoxicação, resistência microbiana e dependências químicas, físicas, e psicológicas. No Brasil, estima-se que 29% das mortes são decorrentes de problemas relacionados à administração incorreta de medicamentos (ARRAIS, 2016).

Em se tratando da automedicação entre acadêmicos, o conhecimento alcançado sobre os medicamentos proporciona maior confiança entre os estudantes universitários para essa prática, em especial, os da área da saúde. Consideram a hipótese de que a automedicação tem significativa associação com nível mais amplo de informação entre os indivíduos e pode existir uma frequência consideravelmente alta de uso de medicamentos sem prescrição médica entre graduandos da área da saúde (SOUZA, 2016).

Dessa forma, percebe-se que o conhecimento obtido durante o curso pode contribuir para que o estudante se torne mais confiante para a automedicação, ocorrendo por vezes de

forma errônea. Desta forma, é necessário elaborar programas para incentivar o uso seguro dos medicamentos entre este grupo e na população geral (RODRIGUES *et al.*, 2015).

É importante observar que, com pouco estudo relacionado sobre o que leva os estudantes a se automedicarem e os efeitos dessa prática, como mascaramento de doenças, seleção e resistência de microrganismos e outros efeitos nocivos à saúde, causada pelo uso de medicamentos sem o controle e/ou supervisão devida, torna relevante este estudo sobre automedicação entre estudantes universitários.

Observa-se que, é importante divulgar principalmente no meio acadêmico que a automedicação pode levar a graves consequências. Assim, este estudo pretende analisar quais os principais fatores que levaram a prática da automedicação.

O objetivo deste estudo é analisar a prática de automedicação entre os acadêmicos, verificar quais classes de medicamentos são as mais utilizadas e identificar se cursos da área da saúde tem maior incidência de automedicação.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo trata-se uma pesquisa exploratória do tipo bibliográfica embasada em artigos publicados na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde, LILACS e Scielo.

Os critérios de inclusão dos artigos para este estudo foi publicações atualizadas compreendidas entre os anos de 2013 e 2019, em língua portuguesa. Os descritores que nortearam a pesquisa foram: automedicação, acadêmicos, medicamentos.

Os critérios de exclusão dos artigos para este estudo foram publicações anteriores ao ano de 2013 e trabalhos que, após a leitura do título e resumo, não abordavam o tema sobre automedicação entre acadêmicos.

MEDICAMENTOS E AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS

Medicamento é o produto farmacêutico preparado com finalidade profilática, curativa, paliativa, até mesmo para fins de diagnóstico, o uso excessivo e irracional pode causar danos à saúde do usuário e em muitos casos, levar a óbito. (GONÇALVES *et al.*, 2017)

O Brasil é um dos principais consumidores mundial de medicamentos, ocupando o primeiro lugar da América Latina, alcançando a quinta posição mundial entre os países com maior consumo de medicamentos com o mercado alcançando 22,1 bilhões de dólares anualmente e a ampla disponibilidade medicamentosa proporciona o aumento do uso irracional. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os

medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados ou vendidos, e metade dos usuários os utiliza de maneira errada (Domingues *et al.*, 2015; IURAS *et al.*, 2016).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a propaganda desenfreada e massiva de determinados medicamentos, a dificuldade e o custo de uma consulta médica, a limitação do poder prescritivo restrito a poucos profissionais de saúde, a angústia, a ansiedade, desencadeados por sintomas ou pela possibilidade de se adquirir uma doença, a falta de fiscalização no locais de venda e a ausência de programas educativos sobre os efeitos dos medicamentos e prejuízos irreparáveis da automedicação, são alguns dos motivos que levam as pessoas a utilizarem medicamentos por conta própria. (SOUZA, 2014).

O *Annual Report of the American Association of Poison Control Centers* do ano de 2014 registrou mais de dois milhões de exposições a agentes tóxicos, sendo que, entre as cinco principais classes de substâncias, três corresponderam a medicamentos: 11,3% das exposições estiveram relacionadas a analgésicos; 5,9%, a sedativos/hipnóticos/antipsicóticos; e 4,4%, a antidepressivos.

No Brasil, os resultados não são diferentes: os medicamentos estão entre as principais causas de intoxicação identificadas pelos Centros de Informação e Assistência Toxicológica (CIATs), ocupando a primeira posição entre os agentes causadores de intoxicação no país, à frente de tóxicos como raticidas e inseticidas, agrotóxicos, domissanitários, drogas ilícitas e alimentos impróprios para consumo. (CORRÊA *et al.*, 2013).

O ingresso como estudante universitário, em instituições de ensino superior, geralmente, se caracteriza como uma fase de transformações sejam elas psicológicas, fisiológicas ou maturacionais, elas podem ser decorrentes da passagem do período da adolescência para a fase adulta, quando os jovens experimentam um período de crise, criado pela exigência de se adaptar a um novo papel social. Na faculdade, os estudantes se submetem a uma grande carga de estresse, devido longas horas de estudo e várias cobranças tanto de professores quanto de familiares. No que se trata de cursos da área da saúde, eles se mostram estressantes devido às muitas exigências feitas ao longo de sua formação, com atividades, avaliações, aumento da pressão física e psicológica, cansaço mental e a enorme expectativa frente ao mercado de trabalho (SANTOS, 2017).

As pesquisas relacionadas à automedicação entre universitários dos cursos de saúde têm revelado um aumento significativo do consumo de medicamentos antidepressivos na população jovem adulta que possuem idade entre dezoito e quarenta anos, podendo essa incidência esta relacionada a uma série de fatores, entre eles os sócio demográficos, sexo, idade, fatores psicossociais, além da influência da família e amigos (COLARES, 2019).

Este procedimento pode atuar de forma contrária à prescrição de profissionais habilitados. Nesse caso, na maioria das vezes o consumo do medicamento se torna abusivo e indiscriminado, levando a efeitos colaterais e indesejáveis e até em quadros de dependência severa (SILVA, GOULART, LAZARINI, 2014).

Santos (2013) destaca que, na população em geral, a automedicação é uma prática notoriamente disseminada. Contudo, é um comportamento preocupante por ser realizado de forma inadequada e excessiva, sendo que na maioria das vezes é efetuado com medicamentos que necessitam de prescrição médica, o que inclui também medicamentos de controle especial. A literatura científica é unânime em considerar que o abuso da automedicação pode implicar riscos para a saúde: reações adversas, efeitos colaterais, interrupção do tratamento, inadequação de posologia e intoxicação por doses elevadas são resultados negativos associados à medicação. O atraso do diagnóstico e a criação de multirresistências microbianas são ainda algumas complicações que podem surgir (NAVES *et al.*, 2013).

Grande parte da prática da automedicação envolve os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), principalmente, das classes voltadas para o tratamento de sintomas de dor, os quais são amplamente comuns a inúmeros problemas de saúde, se tornando de fácil acesso e compondo o estoque de medicamentos em vários domicílios e residências. (FERNANDES; CEMBRANELLI, 2015).

A automedicação pode trazer consequências graves à saúde, como reações de hipersensibilidade (alérgicas), até mesmo dependência. Além disso, o hábito pode aumentar a resistência de micro-organismos e alterar a eficácia dos remédios devidos aos efeitos recíprocos dos fármacos (antagonismo ou sinergismo) e alimentos usados concomitantemente. De acordo com o Ministério da Saúde, nos últimos cinco anos, quase 60 mil casos de internações por automedicação foram registrados no Brasil (BRASIL., 2017).

Segundo a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM) a utilização de medicamentos autônoma ou por indicação de um leigo, sem avaliação de um profissional da área da saúde, é um hábito muito comum entre brasileiros independente de idade, sexo e classes sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, o estudo acerca da automedicação entre universitários ainda é escasso (SILVA *et al.*, 2015). É um desafio reduzir a automedicação em um país que ocupa a quinta

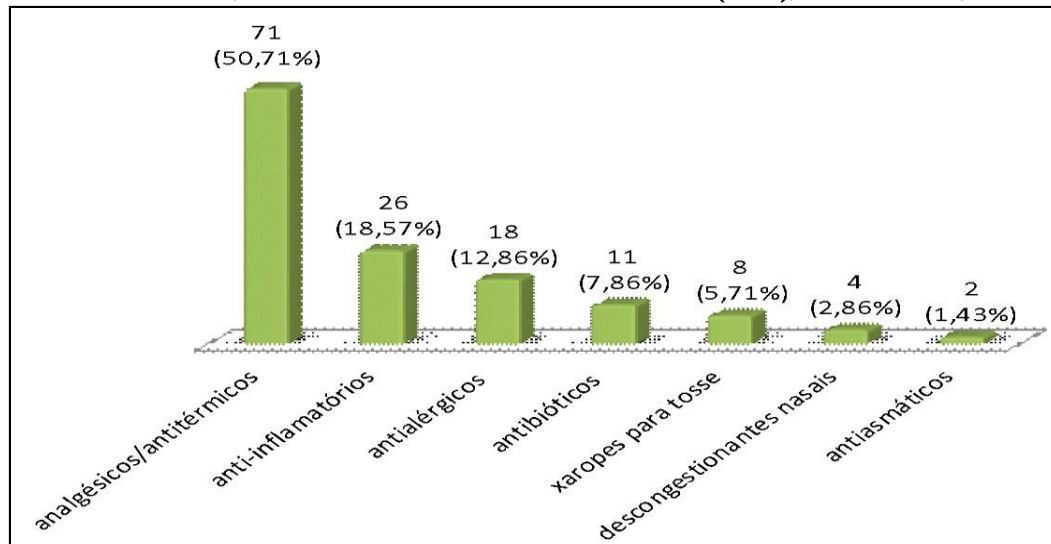
posição mundial entre os países que mais consomem medicamentos, sendo o primeiro lugar da América Latina (IURAS *et al.*, 2016).

A automedicação é considerada um procedimento que atua de forma contrária a prescrição. Nesse caso, na maioria das vezes o consumo do medicamento se torna abusivo e indiscriminado, levando a efeitos colaterais e indesejáveis e até em quadros de dependência severa (SILVA, GOULART, LAZARINI, 2014).

Na faculdade, os estudantes se submetem a uma grande carga de estresse, devido longas horas de estudo e várias cobranças tanto de professores quanto de familiares. No que se trata de cursos da área da saúde, eles se mostram estressantes devido às muitas exigências feitas ao longo de sua formação, com atividades, avaliações, aumento da pressão física e psicológica, cansaço mental e a enorme expectativa frente ao mercado de trabalho (SANTOS, 2014).

Num estudo realizado por Colares (2019), com estudantes do curso de enfermagem numa faculdade no Estado de Minas Gerais demonstrou que os grupos de medicamentos mais utilizados pelos universitários foram:

Gráfico 1: Grupos farmacológicos utilizados, sem prescrição, pelos acadêmicos da FAVAG, Nova Porteirinha (MG), Brasil, 2017.



Fonte: Colares, 2019.

Outro estudo importante a se evidenciar é o de Silva *et al* (2015), que relatam em sua pesquisa que 88,3% dos acadêmicos entrevistados, afirmaram praticar automedicação, entre os sinais e sintomas que levaram à prática automedicação. Destacam-se a cefaleia 92,8% e

resfriados 74,2%, e 70% justificam a automedicação considerando que o sintoma apresentado não é motivo para procurar um médico e a também experiência prévia com o medicamento.

Segundo Carvalho (2017), indivíduos com maior grau de estudo e instrução são os que mais praticam automedicação e o uso indiscriminado de substâncias farmacológicas, o conhecimento adquirido em instituições educacionais, especialmente em centros de estudos universitários voltados para a ciência da saúde, ou em vivências pessoais, propiciam uma maior confiança para o consumo inadequado de tais medicamentos.

Outro dado preocupante está relacionado a automedicação de anfetaminas. Um estudo realizado por Morgan em 2017 sobre o Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil apontou que o metilfenidato foi a substância cuja maior porcentagem de usuários relatou melhora no raciocínio e na memória. Um fato importante observado neste estudo é que o efeito benéfico sobre memória, raciocínio e concentração foi mais frequente entre aqueles que usaram estimulantes com essa finalidade, sugerindo que o motivo de uso tem influência direta no efeito relatado (MORGAN, 2017). A mesma pesquisa ressalta que os estudantes universitários na área da saúde, em especial os estudantes de medicina, constituem um dos principais grupos vulneráveis ao consumo abusivo dessas substâncias com o objetivo de potencializar as atividades mentais.

Segundo Silva, (2014), um estudo realizado para caracterizar os motivos que levam os universitários do curso de enfermagem de uma universidade pública do Estado de São Paulo a se automedicar apontou o seguinte resultado:

Quadro 1: Ideias centrais e discursos do sujeito coletivo dos 32 estudantes da 1ª série do curso de Enfermagem que relataram praticar automedicação. Marília SP, Brasil, 2011.

IDEIAS CENTRAIS	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
Pela falta de tempo	“Muitas vezes usei medicamentos sem prescrição médica por falta de tempo de ir até uma unidade de saúde”.
Pela indicação de terceiros	“Sempre fui medicado pelos meus pais, sendo eles instruídos por médicos familiares”. “Tomo remédio pra dor de cabeça porque minha mãe me dá, pois confio nos meus pais”. “O farmacêutico também nos dá o medicamento necessário. Além disso, tenho profissionais da área da saúde como amigos... Eles me indicam alguns medicamentos”.
Ter o mesmo problema	“Por conhecer os sinais e sintomas da doença, faço uso dos medicamentos sem prescrição médica, pois são sintomas iguais todas as vezes que tenho essa doença.” “Porque achei desnecessário, pois já havia ido outras vezes e ele (o médico) sempre receita o mesmo medicamento que foi eficiente antes”.

Para o alívio da dor	“Não tem necessidade de ir ao médico por doenças pequenas.” “Não vejo necessidade em usar prescrição médica com analgésicos, para cessar a dor. Sentir dores é normal e não precisa de orientação médica”.
Pela demora no agendamento	“Não vou ao médico pela falta de agilidade do serviço de saúde.” “Se precisasse esperar uma consulta médica para pegar a prescrição demoraria muito”.

Fonte: Adaptado de Silva, 2014.

Mediante as informações mostradas no Quadro 1, é importante ainda citar que dentre os fatores que levam os acadêmicos a se automedicarem, podem estar: alta carga acadêmica, poucas horas de sono, insônia, conciliação entre trabalho e a vida acadêmica, o que leva a uma sobrecarga, má alimentação, entre outros fatores.

Freitas (2017), em uma pesquisa composta por 189 universitários da área de saúde de uma instituição privada de Vitória da Conquista – Bahia no período de 2017, Com os cursos elencados no Quadro 2:

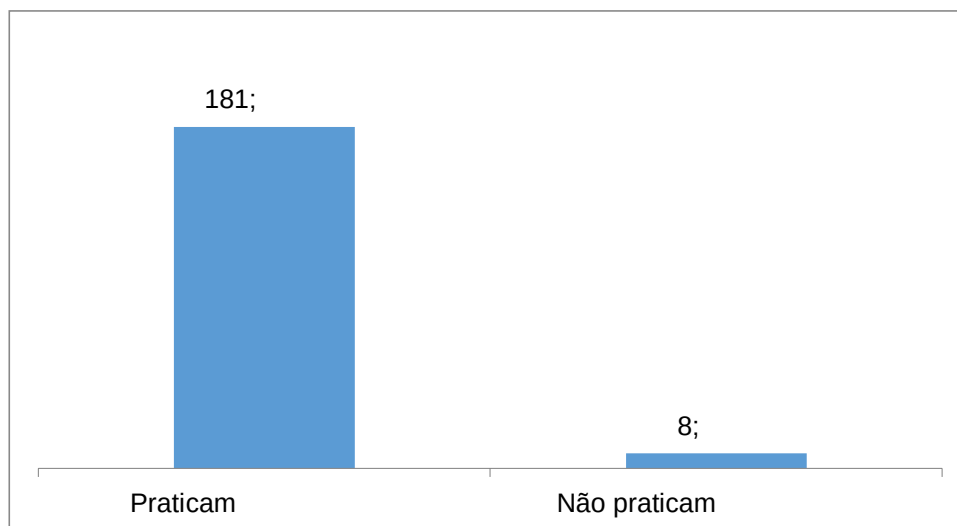
Quadro 2: Relação de acadêmicos entrevistados por curso.

CURSOS	QUANTIDADE	%
ODONTOLOGIA	60	31,70%
ENFERMAGEM	43	22,80%
FARMÁCIA	42	22,20%
FISIOTERAPIA	25	13,20%
ESTÉTICA E COSMÉTICA	19	10,10%
TOTAL	189	100%

Fonte: Adaptado de Freitas (2017).

O estudo de Freitas (2017) revelou que 181 (95,8%) relataram fazer o uso ou comprar medicamentos sem receita, quando somente 8 (4,2%) dos entrevistados afirmou que não pratica a automedicação, conforme mostra o Gráfico 2.

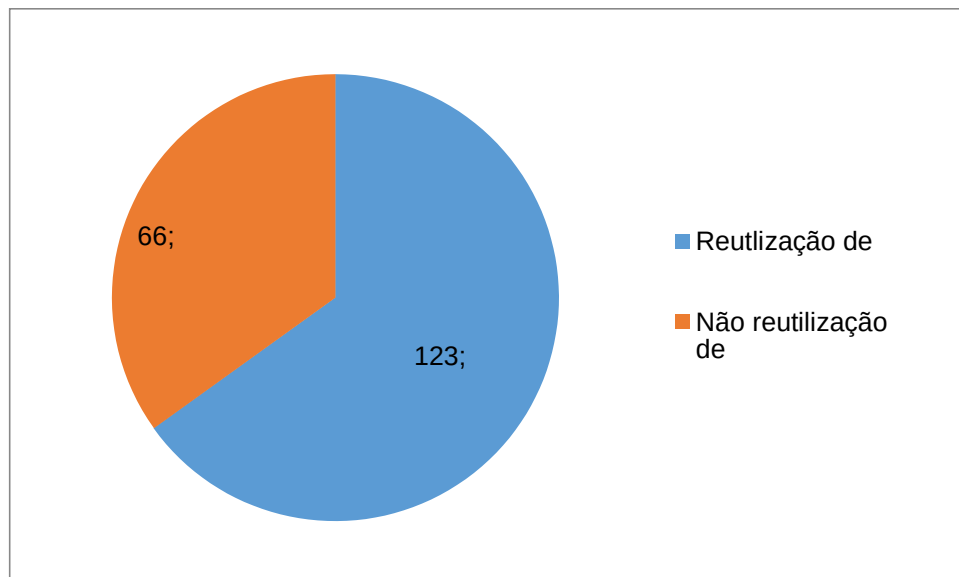
Gráfico 2: Acadêmicos que praticam a automedicação.



Fonte: Adaptado de Freitas (2017).

Já com relação a fazer reutilização de receitas antigas 66 (34,9%) afirmam fazer o uso e 123 (65,1%) não se aplica essa prática, dos 66 que afirmaram reutilizar receitas 65 (98,5%) relataram ser próprias e 1 (1,5%) relatou ser da mãe e tias.

GRÁFICO 3: Acadêmicos que fazem a reutilização de receitas e medicamentos.



Fonte: adaptado de Freitas (2017).

Montanari et al (2014), em uma pesquisa realizada em uma Universidade Pública do Sul de Minas Gerais, com alunos selecionados dos cursos da área de saúde (Curso de Farmácia, que já cursaram disciplinas de farmacologia) e da área de humanas (Curso de Licenciatura em Letras e Geografia). Foram selecionados 200 acadêmicos, com idade superior a 18 anos e de ambos os sexos, sendo 100 do Curso de Farmácia (grupo 1), constituído por

acadêmicos do 5º ao 9º períodos e 100 dos Cursos de licenciatura em Geografia e Letras (grupo 2). Na análise da automedicação, no grupo 1, 96,9% foram adeptos dessa prática; enquanto no grupo 2, foram 82,6%, mostrando que os acadêmicos da área de saúde são mais adeptos da automedicação. Com relação aos problemas de saúde que levaram à automedicação nos dois grupos, a maior proporção foi devido às cefaleias (73%) e resfriados (45%).

Lima et al (2018) em pesquisa realizada em uma faculdade particular no município de Fortaleza, no Estado do Ceará, Brasil, nos meses de novembro e dezembro de 2017, foram entrevistados 205 acadêmicos do curso de Farmácia. Ao analisar a prática da automedicação 99,51% (n= 204) foram adeptos do qual o motivo principal a cefaleia 35,27% (n= 149) e a classe farmacológica mais utilizada foram os analgésicos com 41,96% (n= 141). Cerca de 61,35% (n= 154) realizam a automedicação por conta própria e baseado em conhecimentos teóricos como consequente (50,00%; n= 94).

Frente aos artigos analisados neste estudo observa-se o alto índice de automedicação entre os acadêmicos de graduação, tendo maior incidência nos cursos da área da saúde. Dentre os fatores citados para pratica da automedicação dores de cabeça, resfriado, alta carga acadêmica, poucas horas de sono, conciliação entre trabalho e a vida acadêmica, má alimentação. Comprova-se uma prática real e frequente que é praticada há décadas. Segundo Vilarino *et al* (1998), a automedicação entre os alunos da área da saúde pode se tornar maior pelo fato de apresentarem melhor conhecimento na sala de aula e também por experiências anteriores com a automedicação devido ao conhecimento. O acúmulo de conhecimento geral, incluindo aqui a experiência de vida, torna o indivíduo mais confiante e seguro para se automedicar.

Estudos de revisão de literatura sobre a automedicação, realizados por Jesus, Yoshida e Freitas (2013) demonstraram que os principais sintomas que levam os acadêmicos da área de saúde a praticar a automedicação são os comuns como cefaleia, dores musculares e resfriados. Eles observaram, em seu estudo, que os analgésicos e os antitérmicos são os mais consumidos pelos acadêmicos, independentemente do curso ou do nível de graduação. Entretanto, como qualquer medicamento, podem promover reações adversas, mascarando o quadro clínico de maior gravidade.

Dentre os artigos revisados nesta pesquisa entre os fatores encontrados destacou-se a cefaleia como motivo mais recorrente para prática da automedicação devido experiências anteriores com o mesmo sintoma.

Segundo Rodrigues *et al.* (2015) a dor de cabeça também foi o sintoma mais citado para justificar a automedicação, sendo considerada a principal queixa dos acadêmicos. Esse sintoma que pode está diretamente relacionado com a pressão do dia a dia em virtude de longas horas de estudo, também pode estar relacionado aos trabalhos de extensões e provas.

Pondera-se que, apesar de a maioria dos acadêmicos relatarem possuir conhecimento sobre os riscos do uso de medicamentos sem prescrição, a maioria deles realiza esta prática. E entre os fatores que justificam esta pratica destacaram-se, as dores de cabeça, as alergias, as infecções de garganta e os resfriados/gripes, sobressaindo-se as dores de cabeça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna se evidente a importância de estudos sobre automedicação entre acadêmicos de graduação, visto que eles estão se preparando para o mercado de trabalho, e problemas ocasionados pela automedicação podem acabar, ao invés de sanar um mal-estar ou uma pequena doença, levando a graves consequências.

Para solucionar este problema, devem-se ampliar as práticas educativas com o uso adequado dos fármacos, sejam eles de venda livre ou não, conscientiza a população sobre os danos que um medicamento usado de forma errada, com a dosagem acima do permitido ou até mesmo com interação medicamentosa pode causar a saúde dele próprio, e não só isso pode gerar também gastos para o sistema de saúde. Só dessa forma, pode garantir para a população em geral segurança e qualidade na saúde.

O presente trabalho tem potencial para se desdobrar em outros de igual relevância, por exemplo, a atuação dos docentes junto à conscientização do uso racional dos medicamentos, as consequências dessa pratica para sociedade.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, P. S. D. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados**. Rev Saúde Pública 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006117.pdf. Acesso em out: 2019.

CARVALHO, MC. **Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma universidade do sul de Minas Gerais**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 15, n. 1, p. 489-496, jan./jul. 2017.

COLARES, K.T.P. **Prevalência e fatores associados à automedicação em acadêmicos de enfermagem.** Rev. Enferm. UFPE on line. 2019

DOMINGUES, P. H. F. *et al.* **Prevalence of selfmedication in the adult population of Brazil: a systematic review.** Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.49, n. 36, 2015.

FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. **Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas.** Revista Univap. São José dos Campos, v. 21, n. 37, p. 5-12, jul.2015.

FREITAS; Valéria Pires; MARQUES, Matheus Santos; DUARTE, Stênio Fernando Pimentel. **Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista.** Rev. Mult. Psic. V.11, N. 39. 2017.

GONÇALVES; Claudiana Aguilar et al. Intoxicação medicamentosa: Relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos. Rev. Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 8, n. 1, 135-143, jan.-jun., 2017.

IURAS, Anderson *et al.* **Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil).** Rev Port Estomatol Med Dent Cir Maxilofac., [S.l.], 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>. Acesso em: 8 abr. 2019.

, Ana Paula Giaácomo A. S.; YOSHIDA, Nathália C. P.; FREITAS, Jaqueline Gleice Ap. de. **Prevalência da Automedicação entre Acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia.** Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais e Saúde, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 151-164, set. 2013. ISSN 1983-781X. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2718>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

JÚNIOR, J. G. **Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte.** Journal of Health e Biological Sciences ISSN (Impresso), Brasil, 2018.

LIMA, Daniely Mara *et al.* **Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce.** Revista Expressão Católica Saúde, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 17-22, apr. 2018. ISSN 2526-964X. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/212>>. Acesso em: 30 Nov. 2019.

LOPES, W. F. L. *et al.* **Prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina – PI.** Revista Interdisciplinar, v. 7, n. 1, p. 17 – 24, 2014.

MARTINEZ, José Eduardo *et al.* **Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo.** Rev. Bras. Reumatol., São Paulo , v. 54, n. 2, abr. 2014.

MORGAN, H. L. **Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos.** Rev. Bras. Educ. Med. 2017.

RODRIGUES, A.P. *et al.* **A prática da automedicação em acadêmicos do curso de fisioterapia de uma instituição de ensino superior privada.** e-Rac. v.5, n. 1, 2015. Disponível em:< <http://www.computacao.unitri.edu.br/erac/index.php/e-rac/article/view/589>>. Acesso em out: 2019.

SANTOS, R. M. D. **Perfil de ansiedade em estudantes universitários de cursos da área da saúde.** Dissertação (Mestrado em saúde pública) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2014. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2269/2/PDF%20%20R%c3%b4mulo%20Moreira%20dos%20Santos.pdf>> Acesso : 12 de abri. 2017.

SILVA, Flávio Martinez da; GOULART, Flávia Cristina; LAZARINI, Carlos Alberto. **Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem.** Rev. Eletr. Enf. [Internet]. jul/set, 2014.

SILVA, Lais & Piveta, Lenita & Giroto, Edmarlon & Guidoni, Camilo. (2015). **Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina.** Espaço para a Saúde - Revista de Saúde Pública do Paraná. 16. 27. 10.22421/1517-7130.2015v16n2p27.

SOUZA, W. A. **Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.** Tempus, actas de saúde colet. Brasília, 2016.

SOUZA, WA. **Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.** Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(4), 257-268, dez, 2014.
VILARINO JF et al. **Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil.** Rev. Saúde Públ. 1998; 32(1): 43-9.